

## TÍTULOS DENTRO DAS HOUSES

As casas se organizam como famílias escolhidas. Entre os principais postos estão:

- **Mother/father** — Lideranças responsáveis por orientar e cuidar dos integrantes
- **Overall mother/father** — Liderança geral quando há mais de um capítulo
- **Princess/prince** — Membros em formação para futuras lideranças
- **Imperator/imperatriz** — Cargos estratégicos dentro da estrutura da casa
- **Good mother** — Madrinha que aconselha e fortalece a house
- **Icon/legend/pioneer** — Títulos honoríficos concedidos a quem marca a história da cena

## COMO FUNCIONAM AS PERFORMANCES

As balls são eventos competitivos organizados por categorias que avaliam técnica, criatividade e presença. Entre as principais estão:

- **Vogue Femme** — Estilo mais performático e fluido, com giros, dips e dramatização corporal
- **Old Way** — Movimentos geométricos e poses inspiradas em revistas de moda
- **New Way** — Ênfase em flexibilidade, linhas e precisão
- **Runway** — Desfile que avalia postura, look e atitude
- **Face** — Categoria que destaca beleza e expressão facial
- **Bizarre** — Criatividade extrema em figurino e conceito

Os jurados atribuem notas (os famosos “tens”) e podem conceder o Grand Prize à melhor performance.

## Família escolhida, política vivida

A cultura ballroom nasceu nos Estados Unidos, estruturada principalmente por pessoas negras e latinas LGBTQIAPN+ que foram excluídas de espaços tradicionais de sociabilidade. No Brasil, ela ganha contornos próprios, atravessados por raça, território, migração e desigualdade social.

Para o psicólogo e sexólogo Felipe Medeiro, fundador das clínicas Refúgio e Orgulho e do Instituto Pride, chamar a ballroom de “família escolhida” não é metáfora. “É uma realidade psíquica concreta. Muitas pessoas LGBTQIAPN+ rompem com suas famílias biológicas e encontram nas



Rattunas house

houses o primeiro espaço de pertencimento real”, afirma.

Segundo ele, o impacto na saúde mental é significativo. A rejeição familiar está associada a índices mais altos de ansiedade, depressão e o chamado estresse de minoria. “A ballroom organiza aquilo que muitas vezes está fragmentado: identidade, corpo e vínculo. A pessoa não precisa se explicar o tempo inteiro. Ela pode existir.”

Essa dimensão protetiva aparece com força nos relatos das lideranças brasileiras. Raio de Sol afirma que o senso de pertencimento costuma ser imediato. “A gente passou a infância ouvindo que não se encaixava em lugar nenhum. De repente, existe um espaço onde querem que você fique.”

A house, nesse contexto, funciona como um “nível acima” desse acolhimento. Não é apenas sobre competir em categorias como *Vogue Femme* ou *Runway*, mas sobre aprender a escrever projetos, acessar cursos de DJ, costura, maquiagem, dança. “A ballroom gera emprego, profissionaliza, salva vidas”, diz Raio.

Esse processo de fortalecimento coletivo também envolve informação e prevenção. Em muitas balls, lideranças reforçam alertas sobre saúde sexual, ISTs e direitos básicos. A proteção histórica a pessoas soropositivas é um dos pilares da cultura.

## Amazônia em vogue

Fundada em Belém em 2019, a Casa Maniva nasceu como projeto artístico, político e pedagógico. Hoje, é considerada a casa em funcionamento mais antiga da região Norte. Com capítulos no Pará e em São Paulo, é formada exclusivamente por pessoas nortistas.

Juani Maniva, father da casa e uma das primeiras lideranças da cena na região, define o próprio corpo como “arquivo”. “Eu guardo a memória de quando quase ninguém sabia o que era ballroom no Norte. A gente fazia treinos gratuitos, encontros na base da guerrilha”, relembra.

Para ele, ser liderança significou aprender enquanto ensinava. “A gente organizava conhecimento ao mesmo tempo em que descobria fundamentos sobre gênero, raça e a própria estrutura da comunidade.”

A Maniva articula ballroom com culturas amazônicas. Tecno brega, carimbó, grafismos indígenas, referências ao Festival de Parintins e a estética cabocla aparecem nas performances e nos figurinos. “É interculturalização. A gente coloca a Amazônia na pista”, afirma Juani.

Há também uma agenda política explícita: indígena, negra, trans e LGBTQIAPN+. Fora do território de origem, como em São Paulo, a casa se entende como coletivo de migrantes. A sobrevivência passa por estratégias de moradia, trabalho e apoio emocional.

Paulo Roberto Souza da Silva, 29 anos, terapeuta ocupacional e integrante do capítulo paulista, encontrou na Maniva um reencontro com o próprio território. Natural de Belém, ele teve seu primeiro contato com a cena em uma ball em São Paulo. “Treinar New Way foi aprender sobre meu corpo, mas também sobre pertencimento. Estar com pessoas do Norte torna tudo mais familiar.”

Essa articulação regional levou à criação do movimento NONE — Norte e Nordeste — que busca fortalecer as cenas fora do eixo Sudeste e denunciar apagamentos estruturais. “A ballroom também é atravessada por desigualdades regionais. Precisamos olhar para o que é produzido aqui”, afirma Juani.

A expansão nacional da cultura revela uma geração que descobre, muitas vezes já adulta, um universo antes inacessível. “É como encontrar um mundo possível que nos foi negado”, diz Juani. “Um lugar onde nossa existência não é erro, é potência.”

E é justamente nessa potência que a ballroom se reinventa: como arte, como trabalho, como política e como família — abrindo caminhos que ainda seguem sendo desenhados por quem ocupa a pista e também por quem sustenta a casa fora dela.